

## PROCESSOS AFETIVOS NA RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO: REFLEXÕES SOBRE A MEDIAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR

Ana Beatriz Almeida Sampaio  
Hávila Raquel do Nascimento  
Gomes Brito  
Cândida Maria Farias Câmara  
Elane Maria de Castro Coutinho  
Jeimes Mazza Correia Lima

### RESUMO

Este estudo teve como objetivo verificar como os psicólogos da área educacional abordam a afetividade na relação professor-aluno. Para alcançar o respectivo objetivo, foram realizadas entrevistas com três psicólogos escolares atuantes em escolas particulares de Quixeramobim, Quixadá e Fortaleza. Os nomes de Wallon e Vigotsky serviram de pilares para nortear a análise qualitativa dos dados. A pesquisa pretende contribuir com o aprimoramento do papel do psicólogo escolar, por meio das concepções dos psicólogos entrevistados sobre os fenômenos afetivos na mediação pedagógica. A análise de conteúdo categorial nos informou resultados que confirmaram a importância da prática do psicólogo como intermediário das relações afetivas professor-aluno. Os resultados alcançados foram distribuídos em cinco categorias: (a) A visão da afetividade, (b) O trabalho em equipe, (c) Estratégias interventivas na relação professor-aluno, (d) Desafios e resistências e (e) A implicação afetiva do psicólogo. A partir destes concluiu-se que é essencial o papel do psicólogo como mediador das relações existentes na escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Afetividade. Psicólogo escolar. Relação professor-aluno.

## AFFECTIVE PROCESSES OF TEACHER-STUDENT RELATIONSHIPS: REFLECTIONS ON SCHOOL PSYCHOLOGIST MEDIATION

### ABSTRACT

This study aimed at verifying how educational psychologists deal with affective teacher-student relationships. To reach the respective goal, interviews were conducted with three educational psychologists who work at private schools in the cities of Quixeramobim, Quixadá and Fortaleza. The theorists Wallon and Vigotsky were extremely relevant in order to guide the qualitative data analysis. The research is intended to contribute to the improvement of the school psychologist's role through the interviewed psychologists' conceptions about affective phenomenon in pedagogical mediation. The category scheme for content analysis provided results which confirm the importance of psychologists practice as mediator of affective teacher-student relationships. The results achieved were distributed in five categories: (a) Affective vision, (b) Teamwork group, (c) Intervention strategies in teacher-student relationship, (d) Challenges and resistances and (e) The psychologist's affective implication. Hereupon, it is concluded that the role of psychologists is essential to mediate the existing relationships in school.

**KEYWORDS:** Affectivity. School Psychologist. Teacher-Student Relationships.

Enviado em: 30/01/2018  
Aceito em: 21/03/2018  
Publicado em: 30/04/2018

## 1 INTRODUÇÃO

A De acordo com o Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano (2007), a palavra afetividade designa o conjunto de atos como bondade, proteção, apego, gratidão, ou seja, pode ser definida como a preocupação de uma pessoa por outra, expressão de cuidado. Esse fenômeno está presente no contexto da sala de aula, o professor e o aluno convivem diariamente com seus afetos, envolvidos e interessados pelo conhecimento e aprendizado.

Revestem-se também contribuições psicológicas sobre o assunto, sabendo que uma das responsabilidades cabidas ao Psicólogo Escolar é justamente mediar e intervir nessa relação afetiva e emocional.

Segundo Almeida (1999), mesmo sabendo que as pesquisas relacionadas à afetividade na vida escolar cresceram bastante nas últimas décadas, ainda temos poucas contribuições sobre a vertente psicológica do assunto.

Por isso, este trabalho pretende discutir e conhecer as atitudes e os procedimentos utilizados pelo psicólogo escolar diante das intervenções que mediam os processos afetivos envolvidos na aprendizagem dos estudantes e na prática do professor.

Um elemento necessário na prática do psicólogo escolar é o seu papel como mediador na relação professor-aluno, levando em consideração a afetividade presente na sala de aula. Segundo a teoria Walloniana, afetividade e aprendizagem estão intrinsecamente relacionadas. Na sala de aula podem-se perceber situações de conflitos eu-outro, momentos de questionamentos e reflexões que desgastam a relação professor/ aluno/ conhecimento, se não forem orientados dentro de um processo de aprendizagem (SARMENTO, 2010).

Frente a essas pontuações, pode-se perceber que os processos afetivos são demandas e instrumentos de trabalho para o psicólogo (COSTA; GASPAS, 2011).

De acordo com Bruno Neto (2012), existe uma relação significativa entre a forma como os alunos são afetados pela matéria ou pelo professor e sua vontade de aprender. Diante de tal afirmação e considerando que manter qualidade da relação professor-aluno é, também, responsabilidade do psicólogo educacional, esta pesquisa responderá a seguinte pergunta: Como psicólogos da área educacional, atuantes em escolas de educação básica das cidades de Quixeramobim, Quixadá e Fortaleza, abordam a questão da afetividade presente na relação professor-aluno?

### 1.1 POSSIBILIDADES ESTRATÉGICAS PARA LIDAR COM O FENÔMENOS DOS AFETOS

Dentro do âmbito escolar, o psicólogo possui diversas responsabilidades, como é afirmado por Costa e Gaspar (2011, p.122):

Dentre os desdobramentos mais atuais do trabalho desse profissional na escola, está o mapeamento institucional, condição básica para que se inicie um trabalho neste contexto, haja vista que esta estratégia de trabalho permite uma visualização do funcionamento, cultura, história e dinâmica da organização. Outras possibilidades de atuação concentram-se na promoção de um espaço que proporcione acolhimento aos alunos, familiares e funcionários da organização, estruturação de práticas de assessoramento a trabalhos coletivos junto à equipe pedagógica, assim como acompanhamento dos elementos emergidos do processo de ensino aprendizagem.

Perante suas funções, diante da equipe pedagógica e do acompanhamento dos processos de ensino/aprendizagem, o psicólogo pode criar estratégias para realizar o trabalho que envolve os processos afetivos.

De acordo com Leite e Tassoni (2002), imerso no contexto educativo, existem diversos caminhos a serem seguidos pelo profissional da Psicologia, nos quais poderão ser configuradas intervenções baseadas na afetividade, por exemplo, trabalhos com a equipe de professores, a metodologia de suas aulas e relações cultivadas em sala de aula. Entretanto, os processos afetivos não são tão acessíveis para estudo.

Contudo, teóricos como Vigotsky (1998) e Wallon (1995) produziram, conhecimentos relevantes acerca da afetividade como campo essencial na formação do sujeito. Galvão (2003) refuta que Wallon contribuiu consideravelmente para uma melhor compreensão das convivências do ser humano no processo de formação da sua personalidade. Ele também foi pioneiro ao falar sobre a questão da afetividade no contexto da sala de aula.

### 1.2 AFETIVIDADE E A PRÁTICA EDUCACIONAL

Segundo Wallon (1995), o desenvolvimento do sujeito dependerá de momentos coordenados de maneira alternada pelos fenômenos afetivos e da inteligência. A construção do conhecimento coordenada pela afetividade segundo este autor dependerá do modo como o indivíduo irá se relacionar com o outro. Quando ocorre a predominância da inteligência, o desenvolvimento se concentra nos aspectos cognitivos dos indivíduos.

Vigotsky (1998), também dá grande importância a vivência em sociedade e às relações entre os indivíduos, afirmando que é a partir dessas experiências que são adquiridos novos conhecimentos. Para que isso aconteça os seres humanos se utilizam da linguagem, chamada por ele de intercâmbio social.

O debate sobre a afetividade na sala de aula e a relação professor-aluno é fundamental já que interferem diretamente na formação do conhecimento e da personalidade dos estudantes. Por isso, revestem-se de grande valor as iniciativas que têm por objetivo estudar sobre os fenômenos afetivos como ferramenta crucial para as práticas interventivas do psicólogo educacional.

Em vista da relevância da atuação do psicólogo escolar como facilitador do relacionamento entre professores e alunos, este estudo justifica-se pela carência de estudos sobre afetividade que contribuam com a atuação do psicólogo escolar.

Sabe-se também que a formação em Psicologia não tem fornecido a base a qual deveria sustentar tais experiências enfatizadas em demandas coletivas, institucionalizadas, relacionadas as práticas pedagógicas e intervenções teórico-metodológicas, tão necessárias na atuação profissional em escolas (ARAÚJO; NEVES, 2006).

## 2 MÉTODOS

### 2.1 PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa três psicólogos educacionais das respectivas cidades: Quixeramobim (Psicólogo 1) e Quixadá (Psicólogo 3) e Fortaleza (Psicólogo 2). Os psicólogos devidamente autorizados por suas instituições de trabalho, aceitaram participar da entrevista na qual abordamos a atuação do psicólogo e o contexto afetivo da escola, especificamente na sala de aula, trabalhando a relação professor-aluno.

### 2.2 INSTRUMENTOS

Para o alcance dos objetivos do estudo, foi elaborada uma entrevista semiestruturada, na qual trouxe consigo questões e itens baseados em um estudo prévio, sobre a atuação do psicólogo escolar e sobre a função da afetividade presente na sala de aula. (COSTA; GASPAS 2011). O roteiro da entrevista incluiu temas como: (a) visão sobre afetividade, (b) intervenção e mediação da relação afetiva professor-aluno, (c) desafios do mediador e (d) possíveis melhorias na atuação junto a afetividade. Essas entrevistas foram gravadas com a permissão dos participantes. Colocar o aceite do comitê de ética

### 2.3 ANÁLISE DE DADOS

Para analisar os dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo categorial, a qual é composta por três etapas. Na primeira etapa ocorreu o primeiro contato com os materiais coletados, no caso como foram feitas entrevistas as quais foram gravadas, nesse primeiro momento as entrevistas foram transcritas seguindo as regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência e exclusividade. Na segunda etapa os dados foram organizados por meio dos processos de codificação e categorização e por fim tem-se a terceira etapa chamada de tratamento dos dados – interpretação e inferência. Nessa etapa fomos além do conteúdo explícito das entrevistas, buscar o sentido nos conteúdos implícitos (CÂMARA, 2013).

### 2.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Para ser realizado a coleta de dados, foi solicitado a autorização dos responsáveis por cada instituição, respeitando as normas éticas previstas na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, que

rege pesquisas realizadas com seres humanos. Posteriormente, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário Católica de Quixadá via Plataforma Brasil. Após aprovação, tendo como número CAAE (58395416.3.0000.5046), foi levado aos participantes o Termo Livre e Esclarecido (TCLE), para informá-los do que se tratava a pesquisa. Com a aceitação voluntária dos psicólogos em participar da pesquisa, foi realizado as entrevistas, que foram gravadas, mediante a autorização dos participantes. Após as gravações serem transcritas, foram destruídas.

## 3 RESULTADOS

Como já foi relatado, este estudo buscou compreender, por meio da percepção dos psicólogos entrevistados, de que maneira a psicologia educacional colabora com os processos afetivos inseridos na relação professor-aluno. A partir da análise de conteúdo conseguimos distribuir os resultados em cinco categorias: (a) A visão da afetividade, (b) O trabalho em equipe, (c) Estratégias interventivas na relação professor-aluno, (d) Desafios e resistências e (e) A implicação afetiva do psicólogo.

### 3.1 A VISÃO DA AFETIVIDADE

Nesta pesquisa, os psicólogos entrevistados demonstram duas maneiras de entender a afetividade. A primeira compreende a afetividade como produto das relações interpessoais. Já a segunda concebe os processos afetivos como fenômeno individual que se manifesta não só nas relações, mas no comportamento de forma integral.

Na primeira concepção, os psicólogos acreditam que a afetividade é um processo de relação entre as pessoas. Esses, não detalharam as suas posições diante de suas visões conceituais, nota-se isso nas seguintes respostas:

*“A afetividade pra mim é a emoção colocada nas relações, é como se fosse uma troca de emoções, uma troca de cuidado, onde um afeta o outro”.* (Psicólogo1)

*“Pra mim é vínculo, vínculo emocional”.* (Psicólogo2)

Já na segunda concepção, um dos psicólogos demonstrou tratar a afetividade como aspecto do desenvolvimento humano constituído de vários outros aspectos que resultam na expressão de cada indivíduo e que se bem trabalhado contribui significativamente com o seu processo de autoconsciência.

*“Afetividade é uma forma de expressão pra mim, nas relações humanas, na forma de estar com o outro e a partir disso eu expesso uma forma de ser, então a afetividade ela tem dentro dela vários componentes que são as emoções, os sentimentos a própria senso percepção, a forma como eu me enxergo, como eu enxergo o outro, a forma como eu aprecio o mundo e as pessoas”.* (Psicólogo 3)

*“Porque até quando eu expresso raiva é afeto, afeto não é só a ternura, o amor, o carinho, a ira também é uma expressão de afeto, só que é uma expressão de afeto que a gente precisa cuidar: Mas porque essa ira? Então a expressão de afeto sempre vai existir mesmo que seja de maneira negativa. Então, é importante pra mim que os alunos estejam a vontade de expressar aquilo que eles sentem inclusive a raiva, não pode disfarçar a raiva, tem que expressar”.* (Psicólogo3)

O que foi exposto por este último psicólogo pode ser relacionado à teoria de Henri Wallon, na qual afirma que a afetividade pode ser manifestada de três maneiras: pela emoção, pelo sentimento e pela paixão. A emoção é a forma de manifestação que torna a afetividade observável por ser expressiva. Entretanto, o ser humano não é só emoção, é também sentimento e paixão e a partir do momento que nós conseguimos falar sobre o que sentimos e temos controle sobre isto, estamos tornando os nossos processos afetivos cada vez mais cognitivos e mentais aumentando a sua complexidade (GALVÃO, 2003).

### 3.2 O TRABALHO EM EQUIPE

Os trabalhos da psicologia educacional acontecem sempre em conjunto, por meio de uma equipe multidisciplinar, na qual todos são educadores, para tornar o processo de aprendizagem mais efetivo e significativo para o educando. (NASCIMENTO et al, 2014).

Sendo assim, não poderia ser diferente com as mediações relacionadas à afetividade. Percebemos nos trechos de relatos a seguir que os psicólogos veem o trabalho de equipe como essencial na sua atuação em geral, desde intervenções específicas até as mais abrangentes.

*“Mas também só lembrando que não só sou eu que tenho que fazer isso, sou eu e a coordenação, sou eu e o professor”.* (Psicólogo3)

*“Quando eu cheguei aqui eu sempre busquei deixar muito claro que o serviço de psicologia não deveria funcionar separado como se tivesse o momento do psicólogo”.* (Psicólogo3)

*“Uma intervenção que a gente vai fazer com professores ou alunos nós construímos em grupo”.* (Psicólogo1)

*“A gente sempre senta em grupo, dialoga e a partir daí vê essas estratégias, vamos fazer algumas atividades voltadas para a construção desses vínculos”.* (Psicólogo2)

A explicação da importância dessa parceria, também nos foi relatada na pesquisa, como vemos nesse trecho:

*“[...] quando eu vou avaliar um aluno, eu vou recolher dados com a coordenação, com o professor, o professor de educação física com quem ele faz trabalhos coletivos, como é que é a afetividade desse aluno com*

*ele, com os outros... nós vamos fazer uma avaliação geral. E aí, por exemplo, um adolescente do fundamental 2 tá com problema de se relacionar com o professor, eu vou também perguntar na educação infantil e no ensino fundamental 1 dependendo de quando ele tenha entrado aqui, como foi trabalhada essa questão da afetividade com ele nesses níveis”.* (Psicólogo1)

Percebemos então a relevância de um trabalho interdisciplinar na educação, que promove um harmônico trabalho grupal envolvendo diversas áreas do conhecimento distribuídas no corpo de funcionários. (SILVA, 2013)

### 3.3 ESTRATÉGIAS INTERVENTIVAS NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Nessa categoria de análise, os psicólogos afirmaram para intervir nas relações professor-aluno, para isto utiliza-se bastante o diálogo como estratégia de atuação. Percebemos isso nos relatos dos psicólogos entrevistados citados a seguir:

*“A gente procura escutar o aluno, depois escutar o professor e por último chamar os dois e mediar um diálogo entre eles para que refletindo juntos sobre suas dificuldades”.* (Psicólogo1)

*“Ai geralmente eu tento conversar com a primeira pessoa que apresenta a queixa pra entender o olhar dele e ai tento entender o olhar de outra pessoa também, o olhar do coordenador pedagógico, quando é uma questão individual eu proponho que esteja os dois presentes o professor e o aluno pra que os dois possam fazer a escuta, um dos dois faz a sua colocação e outro faz o exercício de escutar e somente escutar e ai eu vou mediar um diálogo”.* (Psicólogo3)

Para que este processo aconteça de maneira efetiva, é preciso que seja estimulado a escuta ativa de ambas as partes, para que no decorrer do processo sejam escutadas não só as palavras ditas por cada um, mas também sejam percebidos gestos, emoções, tudo aquilo que fica implícito.

Todos os psicólogos confirmaram que é fundamental orientar o professor e traçarem juntos, estratégias para manter uma boa relação afetiva com o aluno. As afecções podem aumentar ou diminuir o nosso poder de agir, pensar, existir. Um afeto de alegria, por exemplo, tende a aumentar tal potencial; já um afeto de tristeza é capaz de suprimir toda essa força (SPINOZA, 2007). Uma boa relação afetiva seria então aquela que aumenta o potencial de ação dos indivíduos por meio dos afetos manifestados na mesma. A partir disso, confirma-se que o psicólogo pode dar suporte ao professor nos planejamentos, estimulando-os à realização de rodas de conversas com professores e alunos que retratem o tema afetividade, para que os encontros em salas de aulas somem ao invés de subtrair as potências, de cada aluno e professor, de conhecer e agir no mundo. Essas orientações também podem ser feitas de maneira pessoal com cada professor e/ou com cada aluno como podemos perceber nos seguintes trechos:

*“Eu, às vezes, nem preciso fazer nada a não ser estar presente e dá uma orientação inicial, o resto é com eles”. (Psicólogo3)*

*“Então nós sentamos para conversar, traçamos estratégias, chamamos para conversar aquele que porventura não está adaptando-se afetivamente, escutamos esse profissional até que possamos levar o profissional a uma reflexão”. (Psicólogo1)*

*“Aqui a gente sempre dialoga e aí às vezes um é delegado a executar alguma atividade, fazer uma roda de conversa [...] Muitas vezes o comportamento x ou y do aluno tem algum motivo, tem alguma motivação, tem algum contexto, então a gente tenta esclarecer obviamente sem expor o aluno, dando somente as informações necessárias para que o professor entenda que ele está passando por uma situação específica difícil, para que o professor entre nesse processo empático”. (Psicólogo 2)*

Como observamos, os psicólogos buscam promover uma reflexão profunda das situações vivenciadas entre professor-aluno. Para que isso ocorra pode ser estimulada a empatia, no qual cada sujeito se coloca no lugar do outro refletindo sobre a convivência entre eles.

### 3.4 DESAFIOS E RESISTÊNCIAS

Um dos assuntos mais comentados pelos psicólogos é a descrença, por parte de professores e alunos, na necessidade de atenção com a relação afetiva entre os dois, principalmente, com alunos concebidos como agitados que geram bloqueios e incômodos no professor. No geral podemos citar o que nos foi relatado por dois psicólogos:

*“Alguns melhoram, outros reincidem, outros acham que é bobagem”. (Psicólogo1)*

*“Muitas vezes eu percebo assim que o grupo tá com uma certa dificuldade de aceitar um determinado aluno por conta do comportamento dele e aí eu vejo que tem também reflexos nessa relação dele com professor. Tem parte daqueles alunos que são mais difíceis, que tem um comportamento que às vezes irrita o professor, onde tira o professor da sua organização, e então aí pode haver resistência dos professores com relação ao aluno”. (Psicólogo2)*

Esse fato pode ocorrer nos três níveis de ensino desde a educação infantil ao ensino médio. Porém, foi observado que a resistência vai aumentando gradativamente de acordo com o avançar dos níveis, tanto por parte dos alunos quanto por parte dos professores, estando mais presente nos dois últimos níveis: Ensino fundamental II e Médio.

*“Um grande desafio é que para que as nossas intervenções funcionem é preciso que o outro esteja disposto a realizar. Os meninos do fundamental II e do médio as vezes eles tem dificuldade, eles não se abrem*

*as intervenções [...] Outra dificuldade que a gente tem é com os profissionais, porque o professor quando chega às vezes nesse nível, ele costuma ter mais dificuldade pra ter mais paciência com certas situações, até porque a presença dele na sala de aula é transitória, eles acabam tendo menos tempo para se relacionar com os alunos e acabam tendo por isso mais resistência nessa questão de ver a importância da afetividade. Então quanto maior o nível, maior os desafios”. (Psicólogo1)*

*“Quanto mais a série se avança a afetividade vai se tornando um desafio cada vez maior. Geralmente questão de relacionar a maior dificuldade que encontro, quando encontro é mais no ensino médio, e aí têm outras coisas implicadas, a própria forma como o ensino médio funciona, toda a carga de conteúdo que existe, o professor que acaba justificando que não tem tempo pra vivenciar outras coisas porque tem que dar o conteúdo, tem inúmeras pressões de ENEM, de vestibular”. (Psicólogo3)*

Outro fato ressaltado por um dos psicólogos ao comentar sobre as resistências por parte dos alunos e dos professores em relação às mediações feitas pelo psicólogo, foi a recorrente presença de uma visão considerada errônea do seu papel, como percebemos no relato a seguir:

*“Porque eu entro mais nas salas da educação infantil e fundamental 1, porque tanto o professor quanto o aluno desses níveis conseguem ter uma aceitação maior da minha presença. [...] ainda to tentando fazer com que eles consigam entender que a minha presença não é de cunho repreensivo ou avaliativo, que a presença do psicólogo não é nesse sentido. Os meninos do Médio eles que me procuram, eles que procuram conversar, falar sobre suas dificuldades, eles já entraram em um nível de entendimento que a proposta não é apontar que ele tem insanidade mental ou não, mas dentro de sala de aula eu não vou chamá-los, por exemplo, porque pra eles soa como constrangimento eles ainda tem essa percepção aí eu preciso pedir pra que alguém vá chamar, embora eles já saibam pra que é, embora eles já saibam que vem falar comigo, as vezes eles até dizem que estão vindo falar comigo, mas se eu for eles se sentem constrangidos”. (Psicólogo1)*

No passado, a prática do psicólogo na escola tinha um modelo médico no qual, as atividades dele na escola eram orientadas pela saúde mental, diagnósticos e possíveis curas de problemas de comportamento. Isso contribui até hoje com a disseminação da visão clínica da psicologia educacional e causando essas resistências as intervenções propostas pelo psicólogo educacional (LIMA, 2005).

### 3.5 A IMPLICAÇÃO AFETIVA DO PSICÓLOGO

Esse eixo temático da pesquisa foi um dos assuntos mais comentados: os processos afetivos que envolvem o psicólogo. Afirmaram que lidar com as próprias emoções e atitudes, em qualquer que seja o campo de atuação, seja desafiante. No relato a seguir, percebemos de maneira clara essa preocupação:

#### 4 DISCUSSÃO

*“Eu também tenho uma relação afetiva com o colégio, eu desenvolvi um afeto, um amor... ao mesmo tempo são pessoas que eu tenho que intervir, eu tenho que intervir com os professores, mas eu já desenvolvi uma amizade com alguns, entende? Eu não sou mais de fora. Esse é um grande desafio, porque com alguns eu já desenvolvi amizade, se tornaram amigos”.* (Psicólogo3)

O discurso de que a afetividade pode ser usada beneficemente nas práticas interventivas também se fez presente na narrativa dos psicólogos entrevistados como vemos a seguir:

*“Eu tento todos os dias ser o máximo de técnica e lógico com a presença da afetividade pra não ser aquela coisa mecânica. Eu acho muito satisfatório mandar uma mensagem pra eles de que eles podem confiar em mim e de que eu posso ajudar eles. Eu tenho que trabalhar minha afetividade porque ela é uma ferramenta de conquista do aluno, de mostrar pra ele que eu vou ser empática naquilo que ele me disser, vou tentar ajudá-lo a resolver aquele problema”.* (Psicólogo 1)

*“Os resultados de você ter um vínculo com o aluno dificilmente gera um resultado ruim e quando você realmente tá afeiçoada a criança e você demonstra um certo carinho, por mais que isso não sane totalmente essas dificuldades que eles tem no percurso, de alguma maneira cativa, de alguma maneira cria, estabelece uma relação, na qual a criança tenta ser o melhor possível. Então assim eu vejo como positivo isso, até agora eu só me lembro de situações positivas onde eu usei a afetividade”.* (Psicólogo 2)

Para isso, os psicólogos afirmam ser necessário produzir estratégias para perceber de que modo estamos utilizando os processos afetivos no momento em que estamos atuando. E uma das estratégias citadas é o autoconhecimento, perceber de que maneira os seus afetos estão influenciando em seus trabalhos, como nos foi relatado a seguir:

*“E eu acho que o mais importante é realmente partir para o processo de autoconhecimento de entendo como seu processo afetivo vai interferir no seu relacionamento como profissional, com a cautela de não partir pras emoções pessoais, não deixar que isso aconteça”.* (Psicólogo1)

Diante disso percebe-se a importância de o psicólogo trabalhar a sua própria vivência afetiva, para que sejam preservados de realizarem intervenções que os coloquem em situações complicadas e/ou que vão prejudicar o caráter ético de suas atuações.

A partir da apresentação destes resultados é possível discutir tais dados com diversos autores que dialoguem e contribuam com a explanação sobre cada uma dessas categorias aqui apresentadas.

Um dos maiores desafios enfrentados por quem trabalha com a afetividade é justamente unificar o seu conceito. Existem inúmeras definições científicas para este termo, já que ele é estudado por diferentes áreas do conhecimento. Entretanto, é necessário o conhecimento de um conceito para que possamos basear as nossas intervenções.

O conceito de afetividade precisa ser visto com cautela para que a amplitude desse fenômeno seja preservada e não o limitemos em acreditar que a ocorrência dos processos afetivos se dar apenas nas interações interindividuais. É fato que nas relações interpessoais há a expressão de uma gama de afetos e com isso a afetividade é percebida facilmente. Porém, a afetividade também pode ser percebida na particularidade de cada indivíduo. Afinal, o que faz com que as pessoas se sintam bem ou mal, felizes ou tristes, sintam raiva ou carinho? É exatamente, o que chamamos de afetividade, a qual é movida por um grupo de fenômenos afetivos (tendências, emoções, sentimentos, paixões, etc. (SILVA, 2013).

Os processos afetivos direcionam inúmeras das nossas interações sociais. Todas as pessoas, de quaisquer idades, etnias, níveis socioeconômicos, têm emoções, são afetadas pelas emoções dos outros, se comportam de forma que manipulam suas emoções e passam grande parte de sua vida buscando uma emoção, a felicidade, e evitando emoções desagradáveis.

Trabalhar esse assunto junto à equipe pedagógica promovendo ambientes dialógicos com os professores e gestores para que juntos possamos ter diferentes visões de um mesmo fenômeno, colaboraria contra a estigmatização dos alunos com dificuldades (ANDRADA, 2005).

Por conviver de maneira mais próxima e por mais tempo com os alunos, os coordenadores e principalmente os professores conhecem a personalidade de cada um destes. Esse fato nos faz perceber a relevância do trabalho em equipe para a construção de ações interventivas.

Percebe-se a relevância do processo de mediação realizado pelo psicólogo, que nesse momento atua como elo intermediário dessas relações afetivas, sendo um instrumento para que as interações entre os indivíduos se complementem.

Faz-se necessário apresentar aqui o conceito de Zona proximal de desenvolvimento (ZPD), criado por Vygotsky (1998), como método utilizado para trabalhar a mediação. Esta metodologia consiste na atuação de uma pessoa para expandir os conhecimentos de outra. Para que isso ocorra é necessário reconhecer as capacidades e incapacidades próprias de cada um (ZDR – zona de desenvolvimento real). Mediando a relação afetiva professor-aluno o psicólogo está propiciando um ambiente no qual, cada vez mais, o professor e o aluno irão conhecer as limitações, e com isso, como agir na zona proximal de desenvolvimento por meio de uma colaboração mútua na construção do conhecimento.

Assim, as execuções de trabalhos na ZPD podem, em breve, acontecer na ZDR, construindo a autonomia dos indivíduos inseridos nesse processo.

Portanto além de ser um instrumento de construção do conhecimento a ZPD leva ao desenvolvimento, pois, aquilo que é falado por um sujeito serve tanto como estratégia para construção do conhecimento, como para o crescimento do outro. (BERNI, 2006)

Na mediação, o processo empático é estimulado para que o professor compreenda a perspectiva do aluno, assim como o estudante entre em contato com a visão do professor. A empatia consiste na capacidade de compreender reações emocionais de alguém de acordo com o ambiente no qual está inserido. Esta não deve somente compreender a afetividade do outro, como também demonstrar que a compreende. Trabalhar o desenvolvimento desse fenômeno na relação professor-aluno é uma estratégia metodológica usada pelo psicólogo educacional que repercute beneficentemente na construção da afetividade de cada indivíduo. Conhecendo a expressão afetiva do outro se aprende a conhecer a sua própria afetividade (PAVARINO; PRETTE; PRETTE, 2005).

Muitas vezes, as estratégias interventivas do psicólogo não são postas em prática devido a resistência de alguns professores e/ou alunos que ainda pensam no psicólogo educacional como alguém que fiscaliza e aponta a loucura. Como já foi relatado isso são resquícios de uma atuação médica da psicologia educacional. Mas, para modificar esse paradigma a psicologia como ciência contemporânea, tem procurado desconstruir os limites de tal modelo que impedem que o psicólogo educacional haja de maneira preventiva e não só “remediativa”, firmando-se como uma ciência capaz de intervir de maneira cada vez mais ampliada ao superar os limites de um exercício profissional individualista e clínico (SANTOS; LOPES; ROCHA, 2013).

Assim, são constantemente estudadas e difundidas inúmeras práticas que direcionam a Psicologia escolar no caminho da prevenção e de uma perspectiva crítica.

Como todo ser humano, o psicólogo possui uma disposição de ser afetado de maneira negativa ou positiva por fenômenos externos e internos. O psicólogo não é um ser imune aos processos afetivos, ele afeta e é afetado durante a sua atuação. Os profissionais demonstraram perceber a sua própria afetividade como um desafio, sempre presente em sua prática, e também como uma ferramenta que os auxiliam na prática de suas técnicas (ALMEIDA; MAHONEY, 2007).

É notório que a afetividade pode ser também utilizada como ferramenta de atuação do psicólogo, interferindo positivamente nas práticas psicológicas. Ao criar um vínculo com o indivíduo, você estará conquistando a confiança dele fazendo com que ele aceite com cada vez mais naturalidade as suas propostas de intervenções.

## 5 CONCLUSÃO

Neste estudo discutimos as maneiras que o psicólogo educacional pode utilizar a afetividade como um instrumento a favor de melhores mediações pedagógicas. A partir da própria visão sobre o termo afetividade e trabalhando em equipe o psicólogo poderá criar estratégias interventivas que o ajudem a lidar com

seus desafios, sem deixar de lado a sua própria afetividade.

A partir disso, este trabalho pretende que seus resultados contribuam para expandir o conhecimento necessário para criar novas estratégias em função de uma melhor atuação do profissional psicólogo na escola. E também para colaborar com os psicólogos em formação, desejosos de conhecimentos que deem suporte as suas futuras intervenções no contexto educacional.

## REFERENCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Mestre Jou, 2007.

ALMEIDA, A. **A emoção na sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 1999.

ANDRADA, E. Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 2, p. 196-199, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27470.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2016

ARAUJO, C.; NEVES, M. Psicologia Escolar e o compromisso/responsabilidade social: uma experiência de Extensão Universitária. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, p. 57-67, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/946/94626110/>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

BERNI, R. I. B. Mediação: o conceito Vygotskyano e suas implicações na prática pedagógica. In: **XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística / I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (SILEL)** p. 2533–2542, 2006. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo\\_334.pdf](http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_334.pdf)>. Acesso em: 18 jan. 2017

BRUNO NETO, G. **Uma breve visão sobre a afetividade nas teorias de Wallon, Vygotsky e Piaget**. 2012. 29f. TCC (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012. Disponível em: <[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias\\_Biologicas/1o\\_2012/Biblioteca\\_TCC\\_Lic/2012/1o\\_SEM.12/GIUSEPPE\\_BRUNO\\_NETO.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2012/1o_SEM.12/GIUSEPPE_BRUNO_NETO.pdf)>. Acesso em: 18 maio 2016.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, v.6, n.2, pp. 179-191.2013.

CODO, W. (Org.). **Educação: Carinho e Trabalho: Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GALVÃO, I. **Henri Wallon: Uma Concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

GASPAR, F.; COSTA, T. Afetividade e atuação do psicólogo escolar. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 121-129, jun. 2011.

LEITE, S.; TASSONI, E. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. In: AZZI, R. G. SADALLA, A. M. F. A. (Org.), **Psicologia e formação docente: desafios e conversa**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

LIMA, A. O. M. N. de. Breve histórico da Psicologia Escolar no Brasil. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 23, n. 42, p.17-23, jul. 2005.

NASCIMENTO, J. G. do.; et al. **A atuação do psicólogo no contexto escolar**. Disponível em: <<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-atuacao-do-psicologo-no-conte-xto-escolar>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

SANTOS, G. F. dos; LOPES, A. C. B.; ROCHA, B. T. S. da. UMA VOLTA NA ESCOLA, UMA VOLTA NA VIDA: VIVÊNCIAS EM PSICOLOGIA. **Revista Expressão Católica**, Quixadá, v. 2, n. 2, p.162-17, dez. 2013. Disponível em: <<http://publicacoesacademicas.fcrs.edu.br/index.php/re/article/view/1332/1095>>. Acesso em: 15 mar. 2017.

SARMENTO, N. **Afetividade e aprendizagem**. 2010. TCC (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/71877>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

SILVA, R. F. da. **Importância da interdisciplinaridade no processo de aprendizagem**. 2013. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/p-edagogia/importancia-da-interdisciplinaridade-no-processo-de-aprendizagem/49573>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

SILVA, N. **A Importância da Afetividade na relação professor-aluno**: Uma pesquisa que discute a importância da afetividade na relação professor-aluno. 2013. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://brasileSCO.la/m15151>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

SPINOZA, B. de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. Trad. José Cipolla Neto, Luis S. M. Barreto e Solange C. Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H. **A evolução Psicológica da criança**. 7. ed. Lisboa: Edições, 1995.

## **SOBRE AS AUTORAS**

### **Ana Beatriz Almeida Sampaio**

*Centro Universitário Católica de Quixadá, Brasil*

Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá. Fez parte do Projeto de extensão DIA (Desenvolvimento da Infância e da Adolescência) e Grupo de estudos em Saúde mental e Sociedade Atualmente é pesquisadora e extensionista do Grupo de Estudos Pesquisa e Extensão em Psicologia, Arte e Educação (GEPAE), Grupo Intercursos de Estudo, Pesquisa e Extensão Saúde, Direito e Educação (ESPIRAL), Grupo de estudos Psicologia e educa. Estagiária do Serviço de Psicologia Educacional nas escolas públicas de Quixadá - CE.

E-mail: biasampaioocrp@gmail.com

### **Hávila Raquel do Nascimento Gomes Brito**

*Centro Universitário Católica de Quixadá, Brasil*

Discente do Centro Universitário Católica de Quixadá. Fez parte do Projeto de extensão DIA (Desenvolvimento da Infância e da Adolescência). Atua como Diretora de Eventos Científicos (2017) do Centro Acadêmico - Honestino Guimarães de Psicologia. Atualmente é pesquisadora e extensionista do Grupo de Estudos Pesquisa e Extensão em Psicologia, Arte e Educação (GEPAE), Grupo Intercursos de Estudo, Pesquisa e Extensão Saúde, Direito e Educação (ESPIRAL), Grupo de Pesquisa e Extensão em Violência e Gênero, Programa de Orientação Profissional nas Escolas (POPE) e Grupo de Estudos em Psicanálise (GEPSE). Estagiária do Serviço de Psicologia Educacional nas escolas públicas de Quixadá - CE.

E-mail: havila.r@hotmail.com

### **Cândida Maria Farias Câmara**

*Centro Universitário Católica de Quixadá, Brasil*

Mestrado em Psicologia pela UFC com estudo na Linha de Pesquisa - Processos de Mediação: trabalho, atividade e interação social. Psicóloga Escolar e Educacional, Psicolotrabalhou na equipe da Escola Vila em Fortaleza. Atualmente integra o corpo docente da UNICATÓLICA, coordena o Núcleo de Apoio Psicopedagógico (NAP) e o Grupo de Estudo, pesquisa em Psicologia, Arte e Educação (GEPAE). Participa do Grupo Intercursos de Estudos, Pesquisa e Extensão, Saúde, Direito, Educação e Sociedade – GRUPO ESPIRAL e da equipe de supervisores do Serviço de Psicologia Educacional nas escolas públicas de Quixadá - CE.

E-mail: candidacamara@unicatolicaquixada.edu.br

### **Elane Maria de Castro Coutinho**

*Centro Universitário Católica de Quixadá, Brasil*

Mestrado em Economia Rural pela Universidade Federal do Ceará (2004). Atualmente é professor da Faculdade Maurício de Nassau - Recife, facilitadora do Centro de Estudos Pesquisa e Assessoria Comunitária, professora

contratada do Centro Universitário Católica de Quixadá, membro da coordenação do Grupo Intercursos de Estudos, Pesquisa e Extensão, Saúde, Direito, Educação e Sociedade – GRUPO ESPIRAL.

E-mail: elanecoutinho@unicatolicaquixada.edu.br

**Jeimes Mazza Correia Lima**

*Universidade Estadual do Ceará, UECE*

Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, UFC. Atua como professor formador da Universidade Aberta do Brasil, com as disciplinas: Didática Geral, Metodologia da Pesquisa e Introdução a Educação a Distância.